

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO
EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

INTRODUÇÃO À PEDAGOGIA

1º semestre



Ministério
da Educação



Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad

Maria Paula Dallari Bucci

Carlos Eduardo Bielschowsky

Ministro do Estado da Educação
Secretária da Educação Superior
Secretário da Educação a Distância

Universidade Federal de Santa Maria

Reitor Felipe Martins Müller

Vice-Reitor Dalvan José Reinert

Chefe de Gabinete do Reitor Maria Alcione Munhoz

Pró-Reitor de Administração André Luis Kieling Ries

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis José Francisco Silva Dias

Pró-Reitor de Extensão João Rodolpho Amaral Flôres

Pró-Reitor de Graduação Orlando Fonseca

Pró-Reitor de Planejamento Charles Jacques Prade

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa Helio Leães Hey

Pró-Reitor de Recursos Humanos Vania de Fátima Barros Estivaleta

Diretor do CPD Fernando Bordin da Rocha

Coordenação de Educação à Distância

Coordenador CEAD Fabio da Purificação de Bastos

Coordenador UAB Carlos Gustavo Martins Hoelzel

Coordenador de Pólos Roberto Cassol

Gestão Financeira Daniel Luís Arenhardt

Centro de Educação

Diretora do Centro de Educação Helenise Sangoi Antunes

Coordenadora do Curso de Pedagogia Rosane Carneiro Sarturi

Elaboração do Conteúdo

Professora pesquisadora/conteudista Liliana Soares Ferreira

**Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e
Desenvolvimento em Tecnologias da Informação
e Comunicação Aplicadas à Educação**

Coordenadora da Equipe Multidisciplinar Elena Maria Mallmann
Materiais Didáticos Volnei Antônio Matté
Desenvolvimento Tecnológico André Zanki Cordenonsi
Capacitação Ilse Abegg

Produção de Materiais Didáticos

Designer Evandro Bertol
Designer Marcelo Kunde

Orientação Pedagógica Diana Cervo Cassol

Revisão de Português Marta Azzolin
Samarlene Pilon
Sílvia Helena Lovato do Nascimento

Ilustração Cauã Ferreira da Silva
Natália de Souza Brondani

Diagramação Emanuel Montagnier Pappis
Maira Machado Vogt

Suporte Moodle Ândrei Camponogara
Bruno Augusti Mozzaquatro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
SEMANA I	
A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL	6
Objetivos	6
Conteúdos	6
SEMANA II	
CONCEPÇÕES DE CULTURA	7
Objetivos	7
Conteúdos	7
SEMANA III	
PEDAGOGIA, CIÊNCIA E CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO	11
Objetivo	11
Conteúdos	11
Referências	15
SEMANA IV	
PEDAGOGIA, CIÊNCIA E CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO	16
Objetivo	16
Conteúdos	16
SEMANA V	
O NASCIMENTO DA PEDAGOGIA	17
Objetivo	17
Conteúdo	17
SEMANA VI	
CONHECIMENTO PEDAGÓGICO E O TRABALHO DOS PROFESSORES	18
Objetivo	18
Conteúdo	18
Referências	24
SEMANA VII	
CONHECIMENTO PEDAGÓGICO E O TRABALHO DOS PROFESSORES	25
Objetivo	25
Conteúdo	25
SEMANA VIII	
REVISÃO GERAL DO COMPONENTE CURRICULAR	26
Objetivo	26
Conteúdo	26

APRESENTAÇÃO

Prezada Colega, Prezado Colega, bem-vinda/o ao nosso componente curricular.

Neste componente, você estudará temas e questões relativas à Pedagogia.

A pedagoga/ o pedagogo, independentemente do âmbito em que se realiza sua atuação, precisa compreender os vários significados e dimensões da área científica a que se dedica. Assim, nesse componente, privilegiaremos os seguintes estudos:

Na primeira unidade, discutiremos:

UNIDADE 1 – EDUCAÇÃO E CULTURA

1.1 – Educação como prática social.

1.2 – Aculturação e socialização.

1.3 – Concepções de cultura.

Já, na segunda unidade, trabalharemos sobre:

UNIDADE 2 – PEDAGOGIA, EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO

2.1 – Pedagogia.

2.2 – Ciência.

2.3 – Ciência da Educação.

Na terceira unidade:

UNIDADE 3 – O NASCIMENTO DA PEDAGOGIA NA MODERNIDADE

3.1 – História do Curso de Pedagogia no Brasil.

3.2 – Pedagogia, a Ciência da Educação?

3.3 – Conhecimento pedagógico e o trabalho dos professores.

Assim, convidamos para um trabalho sério, comprometido, embasado no diálogo, na leitura e na sistematização. Nosso desejo é de efetiva produção do conhecimento para todos nós.

SEMANA I

A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL

OBJETIVOS

Elaborar e analisar concepções de educação.

CONTEÚDOS

1.1 – Educação como prática social

ATIVIDADE DA SEMANA

Utilize uma forma de linguagem (poesia, desenho, música, fotografias, enfim) e, através dela, expresse como tem sido a sua educação, esclarecendo o que você entende por educação.

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre a atividade referente a esse assunto.

Para a próxima semana, leia o pequeno livro de Carlos Rodrigues Brandão, denominado 'O que é educação'. Na leitura, observe os conceitos de educação, cultura, sociedade. Destaque esses conceitos, criando, com eles, o glossário, no menu. Cada colega pode ampliar o conceito ou apresentar outra versão. É importante que todos contribuam de algum modo.

SEMANA II

CONCEPÇÕES DE CULTURA

OBJETIVOS

Estudar sobre cultura.

CONTEÚDOS

1.2 – Aculturação e socialização.

1.3 – Concepções de cultura.

LEITURA OBRIGATÓRIA

Vimos que a educação é uma ação eminentemente social, acontece na interação entre os sujeitos e, na escola, se formaliza, mediante o controle do que se aprende, como aprende e do tempo e aprender. Mas a educação também é uma ação cultural. Cabe perguntar: o que é cultura? Para aprofundarmos conhecimentos, a leitura obrigatória desta semana trata de apresentar respostas a esta questão.

O QUE SE ENTENDE POR CULTURA

José Luiz dos Santos

Desde o século passado tem havido preocupações sistemáticas em estudar as culturas humanas, em discutir sobre cultura. Esses estudos se intensificaram na medida em que se aceleravam os contatos, nem sempre pacíficos, entre povos e nações. As preocupações com cultura se voltaram tanto para a compreensão das sociedades modernas e industriais quanto das que iam desaparecendo ou perdendo suas características originais em virtude daqueles contatos. Contudo, toda essa preocupação não produziu uma definição clara e aceita por todos do que seja cultura.

Por cultura se entende muita coisa, e a maneira como falei dela nas páginas anteriores é apenas um entre muitos sentidos comuns de cultura. Vejamos alguns desses sentidos comuns. Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. A lista pode ser ampliada. Já eu tenho falado de cultura de maneira mais genérica, preocupado com tudo o que caracteriza uma população humana. Não há por que nos confundirmos com tanta variação de significado.

O que importa é que pensemos sobre os motivos de tanta variação, que localizemos as idéias e temas principais sobre os quais elas se sustentam. Vamos então cercar o assunto, localizar os sentidos básicos da concepção de cultura, mostrar como eles se desenvolveram. A partir disso nós poderemos entender afinal o que é cultura e dar andamento às nossas discussões.

As duas concepções básicas de cultura

A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças de um povo. As várias maneiras de entender o que é cultura derivam de um conjunto comum de preocupações que podemos localizar em duas concepções básicas.

A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade. Podemos assim falar na cultura francesa ou na cultura xavante. Do mesmo modo falamos na cultura camponesa ou então na cultura dos antigos astecas. Nesses casos, cultura refere-se a realidades sociais bem distintas. No entanto, o sentido em que se fala de cultura é o mesmo: em cada caso dar conta das características dos agrupamentos a que se refere, preocupando-se com a totalidade dessas características, digam elas respeito às maneiras de conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais.

Embora essa concepção de cultura possa ser usada de modo genérico, ela é mais usual quando se fala de povos e de realidades sociais bem diferentes das nossas, com os quais partilhamos de poucas características em comum, seja na organização da sociedade, na forma de produzir o necessário para a sobrevivência ou nas maneiras de ver o mundo.

Mas eu disse que havia duas concepções básicas de cultura. Vamos à segunda. Neste caso, quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. Observem que mesmo aqui a referência à totalidade de características de uma realidade social está presente, já que não se pode falar em conhecimento, idéias, crenças sem pensar na sociedade à qual se referem. O que ocorre é que há uma ênfase especial no conhecimento e dimensões associadas. Entendemos neste caso que a cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio, da vida social.

De acordo com esta segunda concepção, quando falarmos em cultura francesa poderemos estar fazendo referência à língua francesa, à sua literatura, ao conhecimento filosófico, científico e artístico produzido na França e às instituições mais de perto associadas a eles. Outro exemplo comum desta segunda concepção de cultura é a referência à cultura alternativa, compreendendo tendências de pensar a vida e a sociedade na qual a natureza e a realização individual são enfatizadas, e que tem por temas principais a ecologia, a alimentação, o corpo, as relações pessoais e a espiritualidade. Ao se falar em cultura alternativa inclui-se também as instituições associadas, como lojas de produtos naturais e clínicas de medicina alternativa, e da mesma forma seus meios de divulgação.

Devo alertá-los de que ambas as concepções levam muitas vezes a que se entenda a cultura como uma realidade estanque, parada. O esforço de entender as culturas, de localizar traços e características que as distingam, pode acabar levando a que se pense a cultura como algo acabado, fechado, estagnado. Como já disse antes, as culturas humanas são dinâmicas. De fato, a principal vantagem de estudá-las é por contribuírem para o entendimento dos processos de transformação por que passam as sociedades contemporâneas. Esse é um ponto muito importante. Como veremos a seguir, as próprias concepções de cultura estão ligadas muito de perto a esses processos.

Desenvolvimento das preocupações com cultura

A constatação da variedade de modos de vida entre povos e nações é um elemento fundamental das preocupações com cultura. Tanto assim que é impossível discutirmos sobre cultura sem fazermos referência a ela. Essa é sem dúvida uma constatação registrada entre muitos povos desde a antiguidade. Sabe-se também que de longa data se indagou sobre as razões que explicavam a existência de costumes, modos de vida, práticas e crenças de povos diferentes. Pode-se encontrar reflexões sobre esses temas em autores da Grécia, Roma e China antigas, por exemplo.

As preocupações sistemáticas com a questão da cultura são, porém, bem mais recentes. Desenvolveram-se a partir de século XVIII na Alemanha. Cultura era então uma preocupação de pensadores engajados em interpretar a história humana, em compreender a particularidade dos costumes e crenças, em entender o desenvolvimento dos povos no contexto das condições materiais em que se desenvolviam.

É muito importante que vocês notem que a Alemanha era então uma nação dividida em várias unidades políticas. A discussão sobre cultura tinha assim um sentido muito especial: ela procurava expressar uma unidade viva daquela nação não unificada politicamente, servia para falar de todos os alemães na falta de uma organização política comum.

Caminhou-se dessa maneira para consolidar as modernas preocupações com cultura, procurando dar conta sistematicamente de uma diversidade de maneiras de viver que já havia sido motivo de reflexão por séculos. Observem porém que se essa preocupação já existia, a palavra cultura percorreu um longo caminho até adquirir esse sentido. Cultura é palavra de origem latina e em seu significado original está ligada às atividades agrícolas. Vem do verbo latino *colere*, que quer dizer cultivar. Pensadores romanos antigos ampliaram esse significado e a usaram para se referir ao refinamento pessoal, e isso está presente na expressão cultura da alma. Como sinônimo de refinamento, sofisticação pessoal, educação elaborada de uma pessoa, cultura foi usada constantemente desde então e o é até hoje.

Mas retornemos ao significado moderno de cultura. Essas preocupações que cultura passou a expressar tornaram-se tanto mais importantes quanto, a partir do século XIX foi-se intensificando o poderio das nações européias frente aos povos do mundo. Aumentaram então os contatos entre as nações da Europa, industrializadas e sedentárias de novos mercados, e populações do resto do mundo. Sociedades antes isoladas foram subjugadas e incorporadas ao âmbito de influência européia. Foi nessa época que a preocupação com cultura se generalizou como uma questão científica; foi a partir de então que as ciências humanas passaram a tratar sistematicamente dela.

É preciso considerarmos dois aspectos principais aos quais a consolidação das preocupações com cultura esteve associada. Em primeiro lugar, foi no século XIX que se tornou dominante uma visão laica, quer dizer, não-religiosa, do mundo social e da vida humana. Até então o cristianismo tivera força para se impor na definição de práticas e comportamentos; a visão de mundo cristã oferecia à Europa os modelos principais que ordenavam o conhecimento e a interpretação do mundo e das relações sociais.

A ruptura com essa visão religiosa se fez através de preocupações com o entendimento da origem e transformação da sociedade e também das espécies de vida. Nesse sentido, as novas teorias biológicas e sociais desse século culminaram com uma visão da humanidade firmemente ancorada numa teoria da evolução das espécies, ou seja, da humanidade como uma espécie animal produzida por transformações a partir de outras formas de vida; numa humanidade com uma vida social também sujeita à evolução em virtude de fatores materiais que podiam ser estudados. Isso ia contra as idéias anteriormente dominantes, de cunho religioso, e que pregavam ter sido o homem criado diretamente pela divindade, uma divindade que atuava também na história das sociedades humanas.

Nesse contexto de discussão sobre evolução, cultura servia tanto para diferenciar populações humanas entre si quanto para distinguir o humano de outras formas animais. Daí derivam muitas das dificuldades em definir cultura. Assim, quando se comparava povos diferentes, cultura era uma palavra usada para expressar a totalidade das características e condições de vida de um povo. Trata-se de uma idéia muito ampla, como vocês podem ver. Além disso, como cultura estava ligada à distinção entre o humano e o animal, há um sentido em que tudo que é cultural é humano, e tudo que é humano é cultural. Novamente, a idéia é muito genérica, difícil de precisar.

O desenvolvimento dessas teorias científicas sobre a vida e a sociedade é de fato muito importante para entendermos as preocupações sistemáticas com cultura. Lembrem que várias vezes associei a discussão sobre cultura com a questão da variedade dos povos e modos de vida. Se fosse só por isso, não teria sido necessário esperar tantos séculos para que a discussão sobre cultura se firmasse, pois além de a própria Europa ser diversificada em povos e nações, contatos com povos muito diversos eram antigos e as conquistas coloniais já tinham estabelecido relações sistemáticas com outras culturas desde o século XVI. É que até então essas questões podiam ser respondidas, podiam ser enquadradas pela interpretação de cunho religioso. As preocupações sistemáticas com cultura nasceram associadas a novas formas de conhecimento.

Assim, este é um dos aspectos principais com que a consolidação das preocupações com cultura esteve associada: a sua vinculação com as novas preocupações de conhecimento científico do século XIX. Há um segundo. Lembrem-se que as potências européias encontravam-se então em marcado processo de expansão, incorporando nações e territórios em outros continentes e submetendo suas populações a seu mando político e controle militar. A discussão sobre cultura estava ligada às preocupações de entender os povos e nações que se subjugava. Ela era alimentada por essa expansão política e econômica das sociedades industrializadas, que lhe fornecia campo de observação e possibilitava o acesso a material para estudo.

Nesse sentido, as preocupações com cultura contribuíram para delimitar intelectualmente a posição internacional do Ocidente. Essa posição se realizou através da dominação política e econômica, e também da imposição de suas próprias concepções culturais aos povos sob domínio e controle. Lembrem-se que o debate intelectual ao qual as preocupações com cultura estavam associadas fornecia interpretações, como na visão de evolução linear das sociedades, que permitiam fosse considerado superior tudo que fosse ocidental. As preocupações com cultura tinham essa marca de legitimadoras da dominação colonial.

Assim a moderna preocupação com cultura nasceu associada tanto a necessidades do conhecimento quanto às realidades da dominação política. Ela faz parte tanto da história do desenvolvimento científico quanto da história das relações internacionais de poder. Esta é uma relação muito íntima. De fato, o próprio entendimento moderno do que seja uma nação tem muito a ver com as discussões sobre cultura. Vamos pensar um pouco mais sobre isso, já que é importante para discutir sobre cultura em países como o nosso.

IN: SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 6ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 18-27.

SEMANA III

PEDAGOGIA, CIÊNCIA E CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO

OBJETIVO

Produzir concepções de Pedagogia e ciência.

CONTEÚDOS

2.1 – Pedagogia.

2.2 – Ciência.

2.3 – Ciência da Educação.

LEITURA OBRIGATÓRIA

No sentido de elucidar sobre o que é a Pedagogia (e aqui não se está referindo ao curso de Pedagogia, mas à ciência), propõe-se a leitura do seguinte trecho, retirado de FERREIRA, L. S. "Gestão do pedagógico: de qual pedagógico se fala?" In: Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, pp.176-189, Jul/Dez 2008.

"Penso que a Pedagogia é a ciência da educação. Seu objeto de estudo, ou deveria dizer objetos de estudos, relaciona-se ao fenômeno educativo. Nesse sentido, concordo com Marques, quando afirma que a Pedagogia é a ciência da educação (1996, p. 59). Quanto a esta concepção, Pimenta alerta: "Diferentemente das demais ciências da educação, a pedagogia é ciência da prática" (1997, p. 47). Argumenta a autora ser a Pedagogia uma construção resultante da prática dos professores, no confronto com os saberes teóricos. Marques (1996), por sua vez, discorda e argumenta ser necessário reconstituir o campo teórico da educação, transformado em colcha de retalhos oriundos de perspectivas sociologistas, psicologistas ou até de entendimentos mal-sucedidos de aspectos filosóficos. Por isto, este autor propõe três dimensões constitutivas da unidade da educação:

- a. o plano da racionalidade cognitivo-instrumental que permite uma intervenção praxeológica nos fenômenos da educação;
- b. o plano hermenêutico da interpretação dos sentidos de um determinado contexto sociocultural;
- c. o plano crítico do sentido radical da emancipação humana, como horizonte de possibilidades abertas à transcendência exigida pela historicidade da liberdade. (MARQUES, 1996, p. 57)

Assim, Marques amplia a concepção de Pedagogia, como ciência da educação, concebendo-a:

[...] não apenas no aspecto epistêmico de um sujeito que projeta seu mundo para realizá-lo. Trata-se, muito mais, de perceber o processo da

educação hermeneuticamente presentificado no contexto sociocultural específico de sua atuação concreta e relançado para a superação de si mesmo no sentido radical da emancipação humana. Subjaz a tudo isso o tratamento pedagógico dos desafios da educação na dimensão da interlocução dos saberes. (1996, p. 59).

Em texto anterior, este autor já apresentava suas crenças em relação à Pedagogia:

A Pedagogia não pode se limitar ao entendimento de como se dão as relações educativas de fato e ao estabelecimento de diretrizes gerais para a educação nos horizontes ampliados da emancipação humana e da maioria dos sujeitos. A ela incumbe, em consequência de sua função hermenêutica e crítico-reflexiva, presidir a organização e condução da instituição educativa, no sentido de como se vão dar as relações internas de poder, mediadas pela infra-estrutura de recursos e controles, e de como se vão relacionar a gestão institucional, a dinâmica das relações interpessoais e a produção/circulação dos conhecimentos. (MARQUES, 1990, p. 24)

Considero ser esta uma interessante contribuição para pensar a Pedagogia como ciência. Uma ciência que pode organizar os pedagogos com vistas não somente à produção da aula, mas possibilitar-lhes os subsídios necessários a esta produção.

Outra reflexão interessante sobre o termo Pedagogia é apresentada por Ghiraldelli (1996). Pedagogia é, segundo o autor (1996, p. 11), um termo utilizado, como utopia educacional (com base em Durkheim, para o qual a pedagogia é uma teoria da educação, elaborada com base no pensamento utópico), como ciência da educação (com base em Herbart, para o qual a pedagogia é ciência), filosofia da educação com base em Dewey (relativa ao pragmatismo, a Pedagogia é intimamente relacionada à filosofia; as razões filosóficas poderiam explicar o que acontece nas práticas educativas e estas servem como evidências daquelas).

Libâneo, que, por muito tempo, vem se dedicando a elucidar o lugar social da Pedagogia, assim sintetiza uma concepção de Pedagogia: "Para se compreender com mais profundidade o que é a pedagogia, é preciso explicitar seu objeto de estudo, a educação ou prática educativa" (LIBÂNEO, 2002, p. 64). Segundo o autor, a educação é a soma de processos, "influências, estruturas, ações, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais" (LIBÂNEO, 2002, p. 64). Tais fatores convergem, juntos, para os processos de desenvolvimento humano, pois a educação é "uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal". (LIBÂNEO, 2002, p. 64)

No mesmo texto, o autor destaca:

Trata-se, pois, de entender a pedagogia como prática cultural, forma de trabalho cultural, que envolve uma prática intencional de produção e internalização de significados. É esse caráter de mediação cultural que explica as várias educações, suas modalidades e instituições, entre elas a educação escolar. (LIBÂNEO, 2002, p. 65)

E acrescenta ser necessário considerar um elemento fundamental do conceito de educação: "A educação é uma prática social que busca realizar nos sujeitos humanos as características de humanização plena. Todavia, toda educação se dá em meio a relações sociais". (LIBÂNEO, 2002, p. 64) E o autor sugere a necessidade de que a pedagogia seja eminentemente crítica, porque lida com a educação, um fenômeno que é revelador dos interesses sociais em conflito em meio aos grupos sociais com os quais convivemos: "É por isso que a pedagogia expressa finalidades sociopolíticas, ou seja, uma direção explícita da ação educativa relacionada com um projeto de gestão social e política da sociedade" (LIBÂNEO, 2002, p. 66).

Pedagógico, nesse âmbito, é o caráter da prática educativa, pois, a Pedagogia

[...] a par de sua característica de cuidar dos objetivos e formas metodológicas e organizativas de transmissão de saberes e modos de ação em função da construção humana, refere-se, explicitamente, a objetivos éticos e a projetos políticos de gestão social. (LIBÂNEO, 2002, p. 66).

Tal afirmação pode gerar a impressão de que a única ciência que tem como objeto de estudo central a educação é a Pedagogia. Libâneo alerta:

A Pedagogia não é, certamente, a única área científica que tem a educação como objeto de estudo. Também a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística ocupam-se de problemas educativos, para além de seus próprios objetos de investigação, e, nessa medida, os resultados de seus estudos são imprescindíveis para a compreensão do educativo. Entretanto, cada uma dessas ciências aborda o fenômeno educativo sob a perspectiva de seus próprios conceitos e métodos de investigação. É a pedagogia que pode requerer para si a investigação do campo educativo propriamente dito, como também de seus desdobramentos práticos, e com isso constituir-se em conhecimento integrador dos aportes das demais áreas. (LIBÂNEO, 2002, p. 67)

Assim, concordando com Pimenta (1988, 1996), Libâneo reitera que a pedagogia

[...] é a teoria e a prática da educação. Mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnico-profissionais, investiga a realidade educacional sempre em transformação, para explicitar objetivos e processos de intervenção metodológica e organizativa referentes à transmissão-assimilação de saberes e modos de ação. (LIBÂNEO, 2002, p. 68)

É nesse sentido que a Pedagogia trata amplamente da educação como fenômeno, tendo interface com as demais ciências da educação. E o pedagogo, profissional que atua, direta ou indiretamente, na prática educativa, sendo a docência apenas uma de suas funções, pois “a docência subordina-se à pedagogia, uma vez que o ensino é um tipo de prática educativa, vale dizer, uma modalidade do trabalho pedagógico” (LIBÂNEO, 2002, p. 67). Do mesmo modo, o trabalho dos professores é “trabalho pedagógico porque é uma atividade intencional, implicando uma direção, mas nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente” (LIBÂNEO, 2002, p. 69).

Outros autores vêm se dedicando a estudar a pedagogia como ciência. Embora já em 1966 Mattos afirmasse que a Pedagogia tinha “por objetivo específico o estudo do fenômeno educativo; este é por ela investigado em suas múltiplas facetas e dimensões, em suas manifestações no tempo e no espaço e em suas complexas relações de causa e efeitos com os demais fenômenos que integram a vida humana em sociedade, dentro do seu cotidiano cultural imediato.” (p.42), por sua vez, Franco (2002, p. 114) alerta que há uma “descaracterização” da Pedagogia enquanto campo científico e tal fato contribui para mantê-la como legitimadora de práticas sociais conservadoras, descontextualizadas, porque

O não-diálogo científico entre teorias e práticas reifica, congela o fazer educacional (que se perpetua como saber educacional e não como saber fazer), e isto ocorre quer pela falta de diálogo construtivo entre sujeito e objeto da ação, quer pela não-fermentação da dialética na construção da realidade educativa. (FRANCO, 2002, p. 114)

É a Pedagogia fundamental na caracterização do trabalho dos professores, que é a prática pedagógica. E a prática pedagógica é diferente da práxis educativa, é uma ação científica sobre a práxis educativa, pois objetiva compreender melhor esta prática de educação, explicitando-a para os sujeitos, transformando-a e dando-lhe suporte teórico; teorizar, desvelando os sentidos não evidentes (FRANCO, 2002, p. 116). Devido a sua abrangência, o fazer pedagógico “é inevitavelmente um fazer investigativo. Quando superamos a concepção de prática como tecnologia da prática e adentramos na dialética da práxis, não há outro caminho”. (FRANCO, 2002, p. 123).

REFERÊNCIAS

- FRANCO, M. A. S. "Para um currículo de formação de pedagogos: indicativos". IN: PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.
- GHIRALDELLI, P. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense. 1996
- LIBÂNEO, J. C; PIMENTA, S. G. "Formação dos profissionais de educação: visão crítica e perspectivas de mudança". IN: PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIBÂNEO, J. "Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia" IN: PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARQUES. M.O. "**Projeto pedagógico**: a marca da escola". In: Contexto & Educação, v.1, n.1, abr/jun 1990.p. 16-28.
- MARQUES, M. **Educação/interlocução, aprendizagem/reconstrução de saberes**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1996.
- PIMENTA, S. G. "Panorama atual da Didática no quadro das Ciências da Educação: Educação, Pedagogia e Didática" IN: PIMENTA, S. G. (Coord.) **Pedagogia, ciência da educação?** 5 a ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SEMANA IV

**PEDAGOGIA, CIÊNCIA E CIÊNCIA DA
EDUCAÇÃO**

OBJETIVO

Produzir concepções de Pedagogia e ciência.

CONTEÚDOS

2.1 – Pedagogia.

2.2 – Ciência.

2.3 – Ciência da Educação.

ATIVIDADE DA SEMANA

Após a leitura do texto que está no site <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/educacao/article/viewFile/2351/2089> discutiremos:

- a. o que significa afirmar que a Pedagogia é uma ciência?
- b. Que implicações tem para quem é acadêmica/acadêmico o Curso de Pedagogia, o fato de se entender que a Pedagogia é uma ciência?

SEMANA V

O NASCIMENTO DA PEDAGOGIA

OBJETIVO

Conhecer as etapas que constituem a Pedagogia.

CONTEÚDO

3.1 – História do Curso de Pedagogia no Brasil.

ATIVIDADE DA SEMANA

Pedagogia e Curso de Pedagogia são temas que merecem enfoques diferenciados. O Curso de Pedagogia tem uma história muito peculiar no Brasil e conhecer essa história é conhecer como vem sendo tratada essa área no país. Do mesmo modo, é uma forma de se poder contribuir, evitando repetir elaborações já realizadas pelos pedagogos brasileiros, pensando estar inovando. Assim, a proposta de atividade para esta semana é a leitura de alguns ou de todos os sites abaixo relacionados.

- http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/164_885.pdf
- <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a12v2068.pdf>
- http://books.google.com.br/books?id=s9HFC_TOX9UC&pg=PA92&lpg=PA92&dq=%22hist%C3%B3ria+do+curso+de+Pedagogia%22&source=bl&ots=gGdK9UzUIZ&sig=Z8dbcT_alPWh_wjqT8p6jaM_j1A&hl=pt-BR&ei=FU5GS4qvlo26lAe98cga&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=OCACQ6AEwADge#v=onepage&q=%22hist%C3%B3ria%20do%20curso%20de%20Pedagogia%22&f=false
- http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/1breve_historico_curso_pedagogia.pdf

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre a atividade referente a esse assunto.

SEMANA VI

CONHECIMENTO PEDAGÓGICO E O TRABALHO DOS PROFESSORES

OBJETIVO

Refletir sobre a relação entre o conhecimento pedagógico e o trabalho realizado pelos professores na escola.

CONTEÚDO

3.3 – Conhecimento pedagógico e o trabalho dos professores

LEITURA OBRIGATÓRIA

O texto abaixo complementa a discussão sobre o pedagógico na escola e o relaciona ao trabalho dos professores. Foi retirado de: FERREIRA, L. S. "Gestão do pedagógico: de qual pedagógico se fala?" In: Currículo sem Fronteiras. v.8, n.2, pp.176-189, Jul/Dez 2008

Os professores são os profissionais da educação e têm no pedagógico a centralidade de seu trabalho. Os estudantes, independente do nível de ensino em que estejam, são sujeitos, dotados de historicidade e subjetividade (o que os diferencia entre si), caracterizados por vontades, capazes de utilizar a linguagem para expressar-se e interagir, e ocupam o lugar de quem deseja aprender algo, com diferenças no que desejam e como o desejam aprender. Quanto a este aspecto especificamente, penso que os professores também deviam se dar o lugar de quem deseja aprender, inclusive e principalmente durante a aula, o espaço-tempo de seu trabalho. A condição de quem deseja aprender é, na verdade, no meu entender, o elo que supera o antagonismo entre professores e estudantes. Entretanto, aprender é também desejo e sobre este, há uma força individual de responsabilidade de cada sujeito. Nas palavras de Masschelein, que se baseia em Rancière: "(...) a relação pedagógica não pode ser vista, nem como relação hierárquica (como a relação entre sábios e não sábios), nem como uma relação simétrica (relação entre sujeitos, principalmente idênticos a si mesmos e entre si), mas como relação de diálogo entre seres de palavra" (2003, p. 287). Em suma, se é verdade que os sujeitos da aula: professores e estudantes, com suas historicidades e subjetividades, imersos na sociedade capitalista, aprendem mediante uma falta, o que gera o desejo de aprender, aprendendo se tornam cada vez mais imersos no social, no cultural, afinal,

O sujeito se constrói pela apropriação de um patrimônio humano, pela mediação do outro, e a história do sujeito é também a das formas de atividade e de tipos de objetos suscetíveis de satisfazerem o desejo, de produzirem prazer, de fazerem sentido. (CHARLOT, 2005, p. 38)

O pedagógico é, neste sentido, um elemento relacional entre os sujeitos, não existe *a priori*, nem tampouco existe senão na ação-linguagem dos sujeitos da educação. Acontece em ambientes de linguagem (GADAMER, 1988), entre seres de palavras e, concordo com Masschelein: "(...) um ser de palavra está exposto aos outros e às palavras dos outros, já que falar é sempre falar (exprimir-se) com as palavras de outrem" (2003, p. 284). É, ainda, uma relação com os saberes, bases do conhecer subsidiadoras da produção do conhecimento. Produção do conhecimento apresentada aqui como a socialização dos saberes, em processos interativos e em ambientes de linguagem. Charlot expressa concepções semelhantes, porém utilizando o vocábulo "saber" como sinônimo de aprender, ou seja, conhecer. Segundo Charlot:

Não há sujeito de saber e não há saber senão em uma certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma relação com o saber. Essa relação com o mundo é também relação consigo mesmo e relação com os outros. Implica uma forma de atividade e, acrescentarei, uma relação com a linguagem e uma relação com o tempo" . (1997, p.63)

[...]

A prática pedagógica, entendida como essência do trabalho profissional dos professores, é assim revitalizada. Torna-se prática científica e, por isso, metódica, sistemática, hermeneuticamente elaborada e teoricamente sustentada. Uma prática pedagógica de caráter social, portanto, socialmente elaborada e organizada conforme intencionalidades, conhecimentos. Em suma: "A prática pedagógica é uma dimensão da prática social e pressupõe a relação teoria-prática, e é essencialmente nosso dever, como educadores, a busca de condições necessárias à sua realização" (VEIGA, 1994, p.16) E a autora ainda estabelece os limites e fazeres da prática pedagógica, afirmando ser constituída por três momentos "complementares e interligados: concepção, realização e avaliação ou, em outras palavras: preparação, desenvolvimento e avaliação (...)" (VEIGA, 1994, p.87) e, perpassando todos os esses momentos, está a inter-relação pedagógica, "isto é, o vínculo que se estabelece entre o professor, o aluno e o saber" (VEIGA, 1994,p.87)

Para tal ação, é fundamental o modo como têm se organizado os cursos de licenciatura, privilegiando fundamentação ou prática, conforme suas crenças. Nessa organização, a Pedagogia é fundante, enquanto ciência, pois

[...] o trabalho pedagógico não se reduz ao trabalho escolar e docente, embora todo trabalho docente seja um trabalho pedagógico. Vai daí que a base comum de formação do educador deva ser expressa num corpo de conhecimentos ligados à Pedagogia e não à docência, uma vez que a natureza e os conteúdos da educação nos remetem primeiro a conhecimentos pedagógicos e só depois ao ensino, como modalidade peculiar

de prática educativa. [...] A base da identidade profissional do educador é a ação pedagógica, não a ação docente. Com efeito, a Pedagogia corresponde aos objetivos e processos do educativo. (PIMENTA, 2006, p. 120)

Considerando essa perspectiva, em outra obra, Pimenta e Libâneo detêm-se na diferença entre trabalho pedagógico e trabalho docente:

O pedagógico e o docente são termos inter-relacionados mas conceitualmente distintos. Portanto, reduzir a ação pedagógica à docência é produzir um reducionismo conceitual, um estreitamento do conceito de Pedagogia. A não ser que os defensores da identificação pedagogia-docência entendam o termo Pedagogia como metodologia, isto é, como procedimentos de ensino, prática do ensino, que é o entendimento vulgarizado de Pedagogia. Mas pensar assim significa desconhecer os conceitos mais elementares da teoria educacional. A Pedagogia é mais ampla que a docência, educação abrange outras instâncias além da sala de aula, profissional da educação é uma expressão mais ampla que profissional da docência, sem pretender com isso diminuir a importância da docência. (LIBÂNEO & PIMENTA, 2002, p. 30)

Aos professores, em seus cursos de licenciatura, cabe conhecer a versão, assentada na Pedagogia, das ciências com as quais objetivavam trabalhar. Segundo Pimenta, não se trata de re-inventar as categorias implicadas na formação pedagógica dos professores, mas “[...] reconceituá-las, submetê-las ao crivo de seus determinantes sociais, econômicos, políticos, mediante a abordagem crítica da realidade educativa em suas manifestações concretas” (2006, p. 122). Estarão, desta maneira, compondo seu projeto pedagógico individual, que inclui conhecimentos do mundo, conhecimentos aprofundados da sua ciência, modos de trabalhar com esta ciência e compreensão dos aspectos relacionais, da subjetividade e da dialogicidade próprias da convivência humana. Trata-se de conhecer a Pedagogia, de modo prático, como ciência prática, o que, para Mazzotti, implica:

[...] desenvolvimento das ciências pode, então, ser avaliado como uma permanente descentração do sujeito face ao objeto; ou seja, como um percurso pelo qual o sujeito deixa sua centralidade para reconhecer que suas explicitações são combinações das relações que mantém com o objeto. Dessa maneira, o objeto é compreendido como um “constructo”, um “protótipo”, um “modelo”, um “simulacro” do “real” e este, o “real”, jamais seria atingido em sua integridade. A teoria seria, então, a exposição do objeto e das relações que o sujeito do conhecimento estabelece com o objeto. [...] Nesse sentido seria possível compreender a Pedagogia como uma ciência do fazer educativo, mas, como tal, não se confundiria com o próprio fazer que permanece como atividade do educador. (1994, p. 06)

E Pimenta, também considerando a concepção de Pedagogia como ciência prática, complementa:

A Pedagogia enquanto ciência, como qualquer ciência, tem a tarefa de auto-encontrar-se (significar-se), mas enquanto ciência prática tem o seu

significado na prática. Na prática – já que tem o papel de orientar a práxis. Esta, por sua vez, enquanto atividade entre os homens, consolida-se pela ação teórica intencional dos homens, uma vez que não se consolida nem a partir da natureza, nem pela inspiração. Mas ação teórica enquanto ciência prática (da e para a prática) só consegue ser teoria da e para a práxis se se submete ao primado da prática. (PIMENTA, 2006, p. 55).

A prática a que se referem os autores não é tão-somente a ação prática, a aula em si, os fazeres, mas educação, entendida como prática pedagógica. Por isto, Pimenta reitera em diferentes momentos de sua obra a necessidade de se destacar a relação entre a Pedagogia e a prática pedagógica, uma prática eminentemente social:

O objetivo/problema da Ciência da Educação (Pedagogia) é a educação enquanto prática social. Daí seu caráter específico que a diferencia das demais, que é o de uma ciência prática – parte da prática e a ela se dirige. A problemática educativa e sua superação constituem o ponto central de referência para a investigação. (PIMENTA, 2006, p. 57).

Nesse sentido, também a educação, que entendo como interação, precisa ser vista ampliada. Pimenta propõe uma ampliação do conceito de educação, relacionando-o à concepção de Pedagogia, como ciência da educação:

A educação, objeto de investigação da Ciência da Educação (Pedagogia), é um objeto inconcluso, histórico, que constitui o sujeito que o investiga e é por ele constituído. Por isso, não será captado na sua integralidade, mas o será na sua dialeticidade: no seu movimento, nas suas diferentes manifestações enquanto prática social, nas suas contradições, nos seus diferentes significados, nas suas diferentes direções, usos e finalidades. Será captado por diferentes mediações que revelam diferentes representações construídas sobre si. (PIMENTA, 2006, p. 58).

Por isso, a definição da Pedagogia que aqui proponho assume precisamente esse caráter. Trata-se do conhecimento da realidade educativa mediante a participação na criação das formas mais adequadas às necessidades da civilização em desenvolvimento e às tarefas que a humanidade deve solucionar nestas condições. Ao considerar a Pedagogia como uma ciência sobre a atividade transformadora da realidade educativa, tem-se a possibilidade de uma nova determinação dos objetivos da educação e das suas categorias fundamentais (SUCHODOLSKI, 1977, p. 19).

Então... um possível entendimento de pedagógico

Observa-se, de modo geral, não haver a abordagem do pedagógico senão de modo relacional ou mesmo como complementar: projeto pedagógico, estrutura pedagógica, coordenação pedagógica, problemas pedagógicos e, ainda, a expressão sobre a qual pretendo iniciar uma abordagem: discurso pedagógico.

O que se entende por discurso pedagógico? Segundo Delgado, é o discurso que aborda temas educativos na escola, na aula, nos lugares onde acontecem os feitos pedagógicos (2000, p. 98). Compor este discurso implica lidar com saberes e poderes, lugares e tempos, conhecimentos e práticas, enfim, um conjunto múltiplo de fatores, além de se considerar que, desde sua elaboração, o discurso pedagógico necessita um discurso sobre si, para o qual confluem muitas vozes, que o legitimam e instituem, perpetuando relações de poderes internas e externas (DELGADO, 2000, p. 99).

Porém, ainda se questiona: e o que é pedagógico? Ou o que não é pedagógico? Para Veiga, pedagógico é entendido “No sentido de se definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade”. (1995, p. 27)

É nesse contexto pedagógico, uma vez esclarecido, que se insere o trabalho dos professores: a gestão do pedagógico, que acontece em todos os níveis da escola, mas, cabe, em primeira instância, aos professores realizá-la, pois o objetivo central da gestão do pedagógico é a produção do conhecimento e esta acontece na aula.

Então, pensar a gestão do pedagógico tendo os professores como sujeitos significa mudança de compreensão da organização escolar. Conseqüentemente, haverá mudanças entre os lugares que os sujeitos ocupam no universo escolar; eliminando centralidades hierárquicas, concentração de decisões e fazendo a linguagem circular. É desse modo, também, que pode haver a superação dos modelos empresariais aplicados à gestão da escola.

Tenho trabalhado com uma concepção de produção, quando me refiro à produção do conhecimento, entendendo-a como “criação e se aplica à arte, à ciência, às instituições, ao próprio Estado, assim como às atividades geralmente designadas como ‘práticas’, [...] de tudo que faz uma sociedade e uma civilização” (LEFEBVRE, 1999, p. 45). É, por isso, que me refiro a professores, entendendo-os como profissionais, diferentemente de educadores, pois estes, na minha concepção são todos os seres humanos em suas relações sociais. Todos educam e são educados, entretanto, na escola, trabalham profissionais, que se constituíram assim, por processos educativos específicos e pela interação e participação em uma comunidade profissional. Nessa perspectiva, os professores são profissionais, ou como dizem Libâneo e Pimenta:

[...] o professor é um profissional do humano que: ajuda o desenvolvimento pessoal/intersubjetivo do aluno; um facilitador do acesso do aluno ao conhecimento (informador informado); um ser de cultura que domina de forma profunda sua área de especialidade (científica e pedagógico/educacional) e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, portanto, que nela intervém com sua ati-

vidade profissional; um membro de uma comunidade de profissionais, portanto científica (que produz conhecimento sobre sua área) e social. (LIBÂNEO & PIMENTA, 2002, p. 44)

Isso posto, acredito na possibilidade de os professores reconstituírem seu lugar social como profissionais, inseridos em sua comunidade política e socialmente organizada, imersos em movimentos mais ampliados, nos quais evidenciam-se políticas públicas, as quais reverberam nas ações pedagógicas. Por isto, refletir sobre os aspectos pedagógicos na escola, para mim, implica tais inter-relações e tem como possibilidade de revitalizar socialmente o trabalho dos professores, trabalho que é a produção da aula, este evento pedagógico, por excelência.

REFERÊNCIAS

- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**. Porto Alegre: Artmed, 1997
- DELGADO, M. "**Descentralización Educativa**: entre una vieja utopía y la cautela." In: <http://www.urbared.ungs.edu.ar/textos/Descentralizaci%F3n%20Educativa.pdf> (capturado em 27 de agosto de 2007)
- LEFEBVRE, H. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LIBÂNEO, J. C; PIMENTA, S. G. "Formação dos profissionais de educação: visão crítica e perspectivas de mudança". IN: PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIBÂNEO, J. "Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia" IN: PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MAZZOTTI, T. B. "A Pedagogia como ciência da prática educativa" IN: VII ENDIPE, Goiânia, 1994.
- PIMENTA, S. G. "Panorama atual da Didática no quadro das Ciências da Educação: Educação, Pedagogia e Didática" IN: PIMENTA, S. G. (Coord.) **Pedagogia, ciência da educação?** 5 a ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SUCHODOLSKI, B. **La educación humana del hombre**. Barcelona: Laia, 1977.
- VEIGA, I. A. **A Prática Pedagógica do Professor de Didática**. SP: Papirus Editora, 1994.
- VEIGA, I. A. **Projeto político-pedagógico da escola**. 23a ed. Campinas: Papirus, 1995.
- VIEIRA PINTO, A. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

SEMANA VII

CONHECIMENTO PEDAGÓGICO E O TRABALHO DOS PROFESSORES

OBJETIVO

Refletir sobre a relação entre o conhecimento pedagógico e o trabalho realizado pelos professores na escola.

CONTEÚDO

3.3 – Conhecimento pedagógico e o trabalho dos professores

Como vimos, a palavra Pedagogia surgiu na Grécia Antiga e significava paidós (criança) e agogé (condução). Somente na Idade Moderna, Pedagogia passou a designar uma área do conhecimento que se dedica ao estudo da educação, não somente a educação das crianças, mas a educação de modo geral e amplo. Por isso, os pedagogos são trabalhadores que desenvolvem um trabalho específico em educação. Nesta semana, vamos pensar mais sobre esse trabalho e o que ele tem de pedagógico.

Inicialmente, assista ao vídeo em <http://www.youtube.com/watch?v=TJkekblquwM>.

EXERCÍCIO

Escreva a partir das seguintes questões: qual o trabalho dos pedagogos na escola? Qual a importância desse trabalho para a educação?

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as atividades referentes aos assuntos vistos até aqui.

SEMANA VIII

REVISÃO GERAL DO COMPONENTE CURRICULAR

Estamos concluindo mais uma etapa de estudos. Quando concluímos algo, de imediato, no movimento da vida, iniciamos outro movimento. Cabe refletir: valeu a pena? Eu responderia com o poeta: “sempre vale a pena se a alma não é pequena”. Por isso, fica uma mensagem final e a certeza de que muito temos a andar.

<http://www.youtube.com/watch?v=6bOzCz9eJpE>

OBJETIVO

Revisar os conhecimentos produzidos no componente curricular.

CONTEÚDO

Revisão e fórum tira-dúvidas